

**Entrevista com Marcos Caroli Rezende:
Tradutor de cantos em náhuatl para o português¹**

Sara Lelis de Oliveira
doutoranda/Universidade de Brasília (UnB)
saralelis@gmail.com

Ana Rossi
Universidade de Brasília (UnB)
anarossi1655@gmail.com

RESUMO: Marcos Caroli Rezende é químico, professor e pesquisador da Universidad de Santiago de Chile, e tradutor para o português brasileiro de dois manuscritos em náhuatl clássico confeccionados na Nova Espanha: *Cantares mexicanos* e *Romances de los señores de Nueva España*. Os *Cantares* e os *Romances* dão testemunho de parte da tradição oral pré-hispânica transliterada para o alfabeto latino como estratégia de catequização dos indígenas após a chamada Conquista do México. Em 1995, Rezende publicou traduções inéditas de alguns cantos dos referidos manuscritos em “Dezoito cantos náhuatl”², obra bilíngue (quase) desconhecida no âmbito dos Estudos Mesoamericanos. Nesta entrevista, expõe-se um trabalho de tradução fundamental na divulgação de antigos cantos mesoamericanos no Brasil.

126

Palavras-chave: Marcos Caroli Rezende; *Cantares mexicanos*; *Romances de los señores de la Nueva España*; cantos mesoamericanos; tradução.

**Interview with Marcos Caroli Rezende:
Translator of Nahuatl chants into Portuguese**

ABSTRACT: Marcos Caroli Rezende is a chemist, professor and researcher at the Universidad de Santiago de Chile and translator of two manuscripts made in New Spain from classical Nahuatl into Brazilian Portuguese: *Cantares mexicanos* and *Romances de los señores de Nueva España*. *Cantares* and *Romances* bear witness to part of the pre-Hispanic oral tradition, which was set in the Latin alphabet as a strategy for catechizing the indigenous people after the so-called Conquest of

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

² REZENDE, Marcos Caroli. **Dezoito cantos em náhuatl**. Florianópolis: UFSC, 1995.

Mexico. In 1995, Rezende published the inedited translations of some chants of the referred manuscripts in "*Dezoito cantos náhuatl*", a bilingual work (almost) unknown in Mesoamerican Studies. In this interview, a fundamental translation work is exposed in the dissemination of old Mesoamerican chants in Brazil.

Keywords: Marcos Caroli Rezende; Cantares mexicanos; Romances de los señores de la Nueva España; Mesoamerican chants; translation.

Sara Lelis/Ana Rossi (SL/AR): Como foi sua trajetória profissional como químico, aparentemente tão afastada da Tradutologia e dos Estudos Mesoamericanos, e o encontro com os *Cantares*³ e os *Romances*⁴ que, no Brasil, são pouco conhecidos?

Marcos Rezende (MR): Formei-me como bacharel em química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1970. Em 1974, passei a trabalhar como professor na Universidade Federal de Santa Catarina, onde terminei meu mestrado em química em 1976. Iniciei, neste mesmo ano, um doutorado na School of Chemical Sciences da University of East Anglia, Reino Unido, terminado em 1980. De volta ao Brasil, reassumi minhas funções como professor e pesquisador no Departamento de Química da UFSC até 1993. Durante este período, realizei uma estadia pós-doutoral em Paris, na École Normale Supérieure, em 1985. A partir de 1994, passei a trabalhar como professor na Facultad de Química y Biología da Universidad de Santiago de Chile.

Além da atividade profissional como químico, sempre me interessei pelo estudo de línguas e pela literatura em geral. Acho que uma educação científica não deveria excluir uma vertente humanista, mas sim que as duas deveriam se complementar em uma educação universitária ideal. Meu interesse pela língua e pelos cantares em *náhuatl* se explica a partir dessa curiosidade permanente que me acompanha desde a minha adolescência.

Em 1970, abandono o Brasil viajando com dois amigos pela América do Sul. Ao chegar em Santiago, Chile, encontrei por acaso um trabalho da UNESCO de divulgação de textos pré-colombianos com a reprodução de algumas poesias líricas em *náhuatl* ("*xochicuicatl*", "cantos de flores"), que me fascinaram pela sofisticação dos textos, aliada a uma fonética surpreendentemente delicada, rica em fonemas líquidos. Não conseguia explicar como uma sensibilidade tão refinada e uma língua tão expressiva e delicada podiam vir acompanhadas de uma visão do mundo baseada em sacrifícios humanos cruentos que nos horrorizam até hoje. Isto me fez procurar mais informações sobre os textos e a língua na qual haviam sido escritos. Na época, tinha um interesse especial pelas línguas pré-colombianas: o *mapudungun* no Chile, o *quíchua* no Peru e o *náhuatl* no México. Dos três, os *Cantares mexicanos* eram uma fonte riquíssima do pensamento dos mexicas ou astecas, o que me levou a estudar *náhuatl* e a adquirir

³ *Cantares mexicanos* [manuscrito]. In: **MS 1628 bis**. México: Biblioteca Nacional de México, 85 f. Disponível em:

https://catalogo.iib.unam.mx/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/CNVT4T1JK3621B7RUDF8BISVU2EIXJ.pdf Acessado em: 17/04/2020.

⁴ *Romances de los Señores de la Nueva España* [manuscrito]. Manuscrito de Juan Bautista Pomar. Tezcoco, 1582. Disponível em: <http://bdmx.mx/documento/romances-senores-nueva-espana>. Acessado em: 17/04/2020.

os volumes da *Poesía Náhuatl*⁵ (1964, 1965 e 1968) de Ángel María Garibay, e o *Vocabulario en Lengua Mexicana y Castellana*⁶ (1571) do Frei Alonso de Molina. Estas foram as fontes do meu livrinho, escrito muitos anos mais tarde com as traduções de alguns dos poemas editados por Garibay. Consegui também, na época, na biblioteca da universidade, a gramática *Arte de la Lengua Mexicana y Castellana*⁷ (1571), do mesmo Frei Alonso de Molina, que me deu as ferramentas de gramática que me permitiram, junto com o *Vocabulario en Lengua Mexicana*, uma compreensão mais íntima dos textos *náhuatl*.

(SL/AR): Qual foi a motivação para empreender uma tradução inédita de documentos tão antigos e em língua tão culturalmente distante, para o português?

(MR): Eu parto de uma necessidade que não é só da minha geração, mas anterior a ela, e que continua vigente hoje. É a de que nós, americanos, temos que encontrar ou criar uma identidade própria: não somos totalmente europeus ou asiáticos, não somos ameríndios e nem africanos, mas uma mistura de tudo isso. Como povo, podemos ter origens diferentes, mas o continente, a terra, são os mesmos. Ao buscar essa terra, ao procurar, digamos, o seu rosto original, descobrimos que ele só passa a existir quando lhe damos nomes. É como na metáfora do Gênesis, quando Deus põe cada coisa ou animal diante do primeiro homem para receber um nome. Dar um nome à terra é fazê-la nascer. Então, se nos perguntamos quais são os nomes da terra americana, descobrimos que eles são muitos, mas os nomes originários são das culturas que estavam aqui antes da invasão europeia. A gente diz “chicha”, “ayahwasca”, “pindamonhangaba”, “caatinga”, “nahuel huapi”, “elote”, “xochimilco”, e isso nos faz americanos mesmo quando não sabemos muito bem de onde vem tudo isso. Então, pesquisar esse passado, traduzi-lo para o nosso presente, é uma necessidade para todos os que procuram essa identidade e esse continente.

Isto é muito mais evidente para os peruanos, bolivianos, guatemaltecos ou mexicanos que tiveram sua identidade amputada pela invasão europeia e as suas riquíssimas culturas soterradas pelo invasor. As culturas indígenas no que é hoje o Brasil não deixaram tantos rastros, nem monumentos, nem textos escritos. Temos possivelmente o teatro e catecismo de Anchieta em tupi, mas é um padre português falando e catequizando. Apesar destas diferenças com outras culturas

⁵ GARIBAY KINTANA, Ángel María. *Poesía Náhuatl*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Historia, Seminario de Cultura Náhuatl, 3 tomos, 1964, 1965, 1968.

⁶ MOLINA, Alonso (Frei). *Vocabulario en lengua castellana/mexicana y mexicana/castellana*. Impreso en México, 1571.

⁷ MOLINA, Alonso (Frei). *Arte de la lengua mexicana y castellana*. Impreso en México, 1571.

pré-colombianas, somos tão americanos como outros hispano-falantes desse continente. E, tristemente, singularmente desconhecedores da realidade e passado dos outros irmãos continentais, como eles da nossa realidade e do nosso passado. Nem eles sabem de nós, nem nós sabemos deles. Assim, feita essa introdução com minha visão meio nerudiana sobre a terra e as gentes americanas, minha decisão de escrever este livro, quase vinte anos mais tarde de entrar em contato com esses textos, foi a de deixar um testemunho e uma ponte entre o Brasil luso-falante e o México pré-colombiano. Ele testemunha a minha admiração pela riqueza de uma cultura e uma visão do mundo que foram varridos e enterrados pelo invasor europeu, e foi escrito como um convite ao leitor brasileiro para escutar e refletir sobre essas vozes de mais de quinhentos anos atrás, dizendo coisas que fazem sentido, que são permanentes e que fazem parte da nossa aventura de dez ou vinte mil anos sobre esse planeta.

(SL/AR): Os *Cantares* conservam-se na Biblioteca Nacional do México e os *Romances* na Universidade do Texas. De que maneira teve contato com os manuscritos? A tradução baseou-se em alguma paleografia já existente?

130

(MR): Minhas traduções seguiram muito de perto os textos publicados e traduzidos para o castelhano por Ángel María Garibay.

(SL/AR): Quais foram as ferramentas utilizadas na tradução de ambos os manuscritos? Como lidou com as dificuldades de uma língua-cultura cujos registros obedeceram a um projeto colonizador?

(MR): Meu trabalho foi literalmente obra de um amador. Como tal, nunca teve a pretensão do rigor acadêmico. Minhas interpretações, baseadas no que eu decifrava do texto original com auxílio do vocabulário e gramática de Frei Molina, foram pessoais, assim como minhas associações com outros autores ou instâncias da minha própria tradição cultural.

(SL/AR): Na Tradutologia, entende-se como “projeto de tradução” uma reflexão sistemática do texto por parte do tradutor que incide no processo tradutório, e que se revela em nas escolhas de tradução⁸. Em “Dezoito cantos...”, quais foram os critérios de tradução adotados? De que forma foram transmitidos os manuscritos em português no que se refere ao acesso pelo público em geral?

⁸ ROSSI, Ana Helena. Tradução como construção de conhecimento: experiências na Universidade de Brasília. *Revista Signos*, Lajeado, ano 40, n. 1, p. 136-149, 2019. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/2189/1511> Acessado em: 27/04/2020.

(MR): O problema de traduzir um texto de outra cultura, língua e época é quase insolúvel. Se me propus a atacá-lo, não foi com a pretensão de entender este “outro” que me falava desde um mundo e uma cultura profundamente diferentes da minha. Devemos ter a humildade de reconhecer que isto é impossível, mas apesar de ser impossível, existe sempre a tentativa de refletir sobre o que nos diz este “outro” e procurar compartilhar com leitores contemporâneos o que nos produz a leitura destes textos.

(SL/AR): Nos anos 90, havia uma tradução quase completa dos *Cantares* e dos *Romances* para o espanhol, de Ángel María Garibay Kintana (1964, 65 e 68), e uma tradução na íntegra dos *Cantares* para o inglês, de John Bierhorst (1985)⁹. Essas traduções foram consultadas em algum momento como apoio para sua tradução?

(MR): Somente a de Garibay, pois desconheço a de Bierhorst. Pode-se dizer que este livro já existia em potencial desde os anos 70, quando tomei conhecimento da obra de Garibay. Quase vinte anos mais tarde, quando fazia parte do Comitê Editorial da UFSC, e nele surgiu a ideia de uma linha editorial nova com textos traduzidos para o português, decidi fazer uma pequena seleção dos *Cantares* com uma tradução que incluísse os textos originais e algumas ferramentas gramaticais e sintáticas para ajudar o leitor a decifrá-los. O importante era colocar o leitor de língua portuguesa em contato direto com textos *náhuatl*, iniciativa que eu imaginava original e, portanto, justificável em termos editoriais, e orientá-lo na sua tradução.

(SL/AR): Entre Garibay e Bierhorst há uma divergência no tratamento dos *Cantares*. O primeiro afirma que os cantos são poesia, e o segundo discorda expressamente da categoria atribuída. Em sua obra, cada canto é um poema. Como chegou à conclusão?

(MR): Como disse, só conheço a tese e a obra de Garibay. Não me atrevo a me meter no debate por falta de elementos que reforcem qualquer posição, mas acho que o próprio conceito de “poesia” ou de “folklore” pertencem à nossa cultura e não seriam compreendidos nem teriam um significado claro para outras culturas. Ao traduzir estes textos, não traduzimos só palavras, mas vertemos literalmente o que nos foi legado em uma forma nova, feita à nossa medida e em nossa época. Devemos ser muito humildes ao fazê-lo: estamos escutando e compreendendo o

⁹ BIERHORST, John. *Cantares mexicanos. Songs of the aztecs*. Stanford: Stanford University Press, 1985.

“outro” que nos fala de outro tempo e mundo, ou estamos – uma e outra vez – escutando sempre a nós mesmos, ao nosso tempo e cultura? Gostaríamos talvez de escapar desse solipsismo¹⁰ e pretendermo-nos “universais”, mas podemos sê-lo realmente?

(SL/AR): Há algo nos *Cantares* e nos *Romances*, quanto à cosmovisão *náhuatl*, que conceitua como “intraduzível” no processo de tradução para o português? O que seria?

(MR): A pergunta deveria ser outra: o que seria “traduzível”? Talvez a experiência humana profunda diante da vida e da morte, que une o leitor atual com o mesoamericano de quinhentos anos atrás. Paradoxalmente, ao mesmo tempo que constitui, a meu ver, a razão mesma de uma tradução como esta, é o elemento mais difícil de ser apreendido ou fixado em termos técnicos, para o português ou qualquer outra língua viva.

(SL/AR): A obra “Dezoito cantos *náhuatl*” foi publicada há 25 anos. No transcurso desses anos, houve algum momento em que considerou publicar a tradução de outros cantos dos manuscritos? Existe alguma tradução do *náhuatl* para o português em perspectiva?

(MR): Não há nada mais em perspectiva. Estaria satisfeito se este livro estimulasse mais gente no Brasil a se aproximar do legado que recebemos dos povos americanos originários, mexicas, quiches, maias, quíchuas etc., fazendo um esforço por escutá-los em seus idiomas próprios e da forma mais fiel possível.

Data de envio: 18/04/2020

Data de aprovação: 25/05/2020

Data de publicação: 02/07/2020

¹⁰ Concepção filosófica em que o indivíduo acredita somente na existência de si mesmo.